

## Bibliotecas de ontem e o futuro das ciências humanas

Hans Ulrich Gumbrecht -

Tradução de Luiz Costa Lima

**A** Stanford University encontra-se propriamente em um impasse quanto à ampliação de sua área construída. A extensa área de que dispõe possibilitaria sua expansão academicamente orientada, além da superfície hoje visível como *campus*, entre a baía de São Francisco e o Pacífico; no entanto, um acordo com a direção administrativa do Condado de Santa Clara diminui a cada ano a dimensão do volume de construção tolerado; isso lança a universidade em uma tomada de decisão difícil e, muitas vezes, calorosamente discutida. Cada nova construção, pronta para ser ocupada, implica decisões contra outros projetos que, do lado financeiro, são viáveis, embora, academicamente, sejam tão relevantes quanto discutíveis. Neste ínterim, tal situação trouxe à ordem do dia a questão fundamental de quão importante é a presença material de livros no *campus* – e isso significa para a maioria dos cientistas sociais em Stanford que o problema começa agora a pôr em risco a substância intelectual da instituição.

O chanceler e o reitor propuseram derrubar o prédio da Biblioteca central, situada no centro do *campus* – uma construção arquitetonicamente nada excepcional -, cuja adaptação, em futuro próximo, aos padrões legalmente prescritos de segurança contra terremotos, custaria no mínimo quarenta e cinco milhões de dólares. Em vez de substituir a velha biblioteca por uma nova construção – naturalmente, muito melhor de inúmeros pontos de vista funcionais – a direção da universidade, em face das condições político-legais básicas, optou por um edifício complexo, com locais destinados a cursos e seminários. O reitor e o

chanceler caracterizam o protesto de inúmeros docentes e estudantes, com um tom irônico, mas não agressivo, como resultante de uma “mentalidade de armazenadores de livros”, e prometem começar as medidas de derrubada da Biblioteca, quando os livros, convertidos em sem-teto, possam ser acessados, eletronicamente, com a mesma validade, se não mesmo uma validade maior, que a proporcionada por seu acesso direto, nas estantes. Agora disfuncionais, os livros serão postos em um verdadeiro depósito, a sessenta quilômetros de Stanford, permanecendo, com grande liberalidade, dispostos para serem solicitados pelos leitores recalcitrantes aos *media* pragmáticos.

X

Por certo, neste debate, podemos nos proteger com o ceticismo e o pessimismo face ao desenvolvimento da tecnologia eletrônica, pressuposto pela direção de nossa universidade. Nas últimas décadas, como estratégia, tais reações, entretanto, têm fracassado e assim se mostram mais arriscadas quando o reitor e o chanceler, segundo se diz, trabalhando em conjunção com os fundadores do “Google”, ex-estudantes de Stanford. Escuta-se dizer que essa solução vai muito além da compensação pela perda da presença real dos livros e aponta para a verdadeira “biblioteca do futuro”: a longo prazo, o plano deve tornar disponível, nas telas dos computadores de Stanford, todos os livros existentes no mundo, em troca de uma pequena taxa ou de modo absolutamente gratuito. Como morador do Silicon Valley, cansado de eletrônica, temo e prognostico que, mais cedo ou mais tarde, estaremos de fato nessa situação e, então, o progresso tecnológico também eliminará o inconveniente, ainda permanente, dos pontos de vista legal, econômico e ecológico, da resolução máxima.

X

Para os praticantes das chamadas humanidades, esta visão – realista – da biblioteca do futuro contém um desafio que vai além de questões práticas sobre o uso do livro. Pois torna visíveis razões elementares para a existência das ciências humanas – que vão muito além daquela luta lacrimosa pela sobrevivência, com que, em passado recente, elas haviam começado. O princípio histórico das ciências humanas e das instituições que as precederam sempre se caracterizou



pelo compromisso contra a perda, a erosão e a dispersão espacial dos portadores de informação e de memória. Isso vale para a Biblioteca de Alexandria e seus filólogos, assim como para os monges copistas de manuscritos nos mosteiros medievais, para os comentários e traduções dos humanistas do Renascimento, bem como para os historiadores e teóricos da literatura do romantismo, que sobretudo se empenharam pela conservação do sentido dos textos do passado, contra a dinâmica da mudança histórica. Qualquer que tenha sido a direção, em quaisquer contextos históricos e culturais, em que aquelas instituições se desenvolveram, sua força e sua inspiração sempre derivaram dos impulsos de reunião (dimensão espacial) e de preservação (dimensão temporal). Se as funções a que reunião e preservação apontavam agora só podem idealmente avançar pela tecnologia eletrônica, em conseqüência convertendo-se em obsoletas, pode-se então empregar retrospectivamente acerca do fim (para nós, ainda futuro) das ciências humanas, a estrutura do argumento com que, há cinqüenta anos, Alexandre Kojève anunciara ‘o fim da história’.

## X

Mas esta é tão-só a tese elegante e apocalíptica sobre a situação das ciências humanas, na época eletrônica próxima. Pode-se também, menos dramaticamente, apontar para o fato de que os impulsos fundamentais de reunião e preservação, exercidos sobre o acervo de séculos, das ciências humanas, tenham formado uma relação muito complexa de seus praticantes com seus objetos, relação que perdeu seu ponto central de referência com a substituição dos livros pela informação eletronicamente processada. Os livros são para nós mais do que condutores de informação. A relação com eles deixa-se caracterizar pelo conceito heideggeriano de “ao alcance da mão” (*Zuhanden-Seins*), desde logo e, sobretudo, porque aquele que pratica as ciências humanas sempre levou em conta, leu, valorizou, editou e interpretou aquilo com que esteve relacionado por um interesse existencial. Apesar de todos os esforços contrários da atualidade politicamente correta, nenhuma cultura jamais conseguiu legar um cânone realmente “neutro” de grandes textos e obras. A essa motivação existencial do *Zuhanden* também pertencem os modos de adaptação recíproca na dimensão espacial. Não só a forma



e os riscos das páginas dos livros são moldados pelas situações de uso nas bibliotecas, como os livros têm configurado em volta de si formas particulares de diálogo e comunicação. Ao contrário, nossa relação com a biblioteca eletrônica do futuro vai muito além da crítica de Heidegger ao “existente” (Vorhanden) e às modernas ciências da natureza, apresentadas em seu ensaio sobre “A Época da imagem do mundo” (“Zeitalter des Weltbilds”). Os livros aí seriam presentes antes de tudo sob a forma neutra de agregado informacional, do mesmo modo que a natureza, nas ciências naturais modernas, está presente apenas matematicamente. O usuário por-se-ia diante da tela, em que podem aparecer todas as informações aí acumuladas, sem motivação específica e sem proximidade sensível, reduzido a cifras quantitativas.

## X

Naturalmente, não se deveria – pelo menos, ainda não – tratar de demonizar ou de louvar o mundo eletrônico do futuro próximo. Estamos apenas a um passo disso ou daquilo, No entanto, até agora apenas uns poucos especialistas nas ciências humanas começaram a refletir sobre a relação com aquele mundo e sobre a presença fundamentalmente transformada que nele terão seus objetos. Talvez o pressentimento crescente daquela “situação que advirá com o futuro” (o derradeiro Derrida descrevera o futuro das ciências humanas sob esta perspectiva) provoque a paralisia de sua produtividade intelectual; talvez o pressentimento deste futuro seja uma das razões que explica por que, depois de um século de constantes “mudanças de paradigma”, as ciências humanas, posteriormente à década dos anos 80 do século passado, quando os “cultural studies” e “as ciências mediáticas” eram novos, tenham estagnado na produção de novos paradigmas.

Neste entretempo, a busca de preparar-se para o futuro tornou-se uma parte da agenda das ciências humanas. Nos Estados Unidos, as instituições acadêmicas sentem-se na obrigação de organizar colóquios e *workshops* sobre “as humanidades digitais” (*digital humanities*), como se denomina o futuro eletrônico das ciências humanas. Tais eventos mal se libertam da euforia quanto ao futuro. À semelhança dos cursos complementares para a aquisição de produtos novos e



mais caros, trata-se antes de tudo do uso mais eficiente das últimas possibilidades eletrônicas correspondentes, sem que se considerem questões e problemas impensáveis sem o mundo eletrônico. Há poucos anos, em Stanford, inaugurou-se uma destas unidades de pesquisa, com pompa e grande apoio financeiro, com o nome de “Humanities Labs”, que não produziu mais do que um novo e colorido “web site” sobre temas bastante convencionais.

Ao contrário, causa estranheza que se possa estabelecer uma série de novas práticas e tendências nas ciências humanas que tenha como ponto de vista geral a ênfase e talvez a preservação daquela disposição e visão de mundo, cuja existência e substância estão ameaçadas pelo futuro eletrônico. Apresenta-se aqui a resistência intelectual de uma inércia – intensamente física – ante o passo mais recente no processo da modernidade, contra um cotidiano que se cumpre pela fusão da consciência com o *software*. Nunca, no século passado, a filologia, como artesanaria material de preservação do texto, teve o desenvolvimento que agora se verifica. O “eco-criticism”<sup>1</sup> em ascensão formula um campo filosófico e mesmo político para tais práticas textuais. O fato de que Giorgio Agamben conceba que as ciências do espírito sejam um muro, uma proteção em favor da absoluta privacidade da vida corporal, cria uma conjuntura estimulante para os conceitos de “body-politics” e “bio-politics”. Um novo fascínio pelo fenômeno da “presença” estabelece ligações entre estas iniciativas e a reabilitação mais recentemente cumprida da biografia como gênero de texto rigoroso<sup>2</sup>, que transfere idéias e formas presentes no contexto para a vida individual descrita.

Daniel Heller-Roazen<sup>3</sup>, de Princeton, provoca a atenção para além do mundo acadêmico com um livro em que ensaios nostálgicos são dedicados à perda de fonemas, línguas e mitos no mundo moderno e pós-moderno. E quem teria imaginado há apenas dez anos que Friedrich Kittler, o sempre jovem patriarca das ciências mediáticas, encerraria sua obra com um livro em vários volumes sobre a antiga cultura grega?<sup>4</sup>

O próprio Kittler, com razão, vê que não há ruptura alguma entre seu trabalho atual e os começos das ciências mediáticas. Pois os livros mais recentes afirmam apenas que tratava em sua ciência dos *media* da origem das tecnologias



a partir das situações existentes (*Zuhanden*). Uma sepultura intelectual, de fato, separa Kittler dos discursos murmurados por alguns de seus alunos, que pintam um mundo sempre digital, como um panorama do futuro drapejado com guirlandas pseudo-hegelianas. Estes tons também se escutam, nos congressos das “digital humanities”, cada vez mais como complemento aos modos de uso de um computador avançado. Ao lado das inovações epistemológicas, não de ser considerados com a maior seriedade os estudos plenamente empíricos existentes da “Weltliteratur” (literatura mundial) enquanto fenômenos da atualidade e da globalização, que, com o mesmo gesto das modernas ciências naturais, asseguram o seu lugar em um panorama geral do mundo de agora. E talvez a este lado também pertença o gesto elegante com que a geração mais jovem de praticantes das ciências humanas refere-se às edições filosóficas dos clássicos, que respondem a todas as questões sistemáticas - em vez de começarem com a própria filosofia -, gesto dirigido a um futuro que se dirige a pôr à disposição todos os textos do passado. É bastante possível que, neste sentido, algumas destas práticas mais recentes nas ciências humanas se ponham além da programática estagnante das “digital humanities”. Se a dinâmica das “digital humanities” trará de fato o fim ou o futuro daquelas ciências humanas, cujas origens românticas encontraram, por fim, em 1900, seu nome e sua própria programática, é uma questão cuja solução pressupõe a exploração detalhada de uma parte do mundo em transformação, i.e., o acadêmico-intelectual.

Do original: “Bibliotheken von Gestern und die Zukunft der  
Geisteswissenschaften”



**Notas:**

<sup>1</sup> Segundo o autor, por “eco-criticism” pode-se entender o ponto de convergência de todas as espécies de reformulações “políticas” das humanidades que tomam o corpo como centro de referência. Assumindo a posição de informante, o autor acrescenta que uma verdadeira definição ainda não seria possível (N. do Tr.)

<sup>2</sup> Preferiu-se traduzir “wissenschaftlich” por ‘rigoroso’ porque, se, por um lado, o qualificativo ‘wissenschaftlich’ (científico), tem, em alemão, uma amplidão que desconheço noutra língua ocidental, por outro, temeu-se alguma leitura mais apressada que supusesse que o autor estivesse propondo a biografia como gênero ‘científico’, no sentido estrito do termo (N. do Tr.)

<sup>3</sup> O autor refere-se ao livro mais recente de Daniel Heller-Roazen: *Echolalias: on the forgetting of language* (2008)

<sup>4</sup> Friedrich Kittler tornou-se há vinte anos conhecido com seu *Aufshreibesysteme 1800 / 1900*, publicado originalmente em 1985 e traduzido para o inglês, com o título de *Discourse networks 1800 / 1900*, em 1990. Sua drástica mudança de interesse para a Grécia antiga manifestou-se inicialmente com um pequeno ensaio publicado com Cornelia Vissmann, *Vom Griechenland* (2001). Mais recentemente, publicou o *Musik und Mathematik 1. Hellas 1: Aphrodite* (2006)

